

APRESENTAÇÃO: E a geografia cruel de uma pandemia

Alerto de antemão, que assim como o momento atual, este não é um texto normal de apresentação, não tivemos a preocupação de dar peso a ele, ele tenta um pouco de leveza, inclusive em relação à escrita e normativa acadêmica, apesar de prezar pela ciência. É um texto que apresenta uma edição da Kwanissa - Revista de Estudos Africanos e Afro-brasileiros. Essa edição foi preparada num panorama que parece pensado em estúdios cinematográficos, o filme Epidemia (1999) pode muito bem ser lembrado aqui. As quarentenas e as medidas de isolamento social adotadas em todo o mundo são parte desse contexto.

O texto dessa apresentação foi escrito numa situação incomum. Assim como podemos considerar a gripe espanhola como a grande pandemia do século XX, com mais de 50 milhões de mortos (podendo chegar num horizonte de mais de 100 milhões), o século XXI, nesse ano conheceu a proliferação de um vírus que parece tão perigoso quanto e que causa uma doença que ficou conhecida como COVID-19. O vírus, Sars-Cov 2, que foi identificado na província de Wuhan, na China, rapidamente se espalhou pelo mundo, provocando um alarme geral, pela sua facilidade de disseminação, sua letalidade e a demanda por leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). De certa forma, esses elementos, somados com a falta de uma medicação eficaz e de uma vacina, criaram um panorama de medo.

Numa Cronologia rápida e explicação bem simples. O relato de uma doença misteriosa foi primeiramente¹ feito pelo médico chinês, Dr. Li Wenliang em Dezembro de 2019². No dia 31/12/2019 alertou a Organização Mundial de Saúde (OMS) para vários casos de pneumonia incomum na cidade de Wuhan, capital da província central de Hubei. Em 7 de janeiro de 2020 a China declarou que se tratava de um novo vírus, batizado naquele momento de 2019-nCov (ou SARS-COV-2), pertencente a família dos coronavírus.

Com um crescimento e a primeira morte registrada no dia 20/01/2020³, a cidade de Wuhan foi colocada em quarentena e no dia 30 de janeiro, a OMS decretou o Novo Coronavírus uma

¹ Num relatório chinês de Março/2020, foi constatado que o primeiro caso e que não foi registrado aconteceu no dia 17 de Novembro de 2019, também na província de Hubei, de acordo com SHER, Isaac. **The first COVID-19 case originated on November 17, according to Chinese officials searching for 'Patient Zero'**. Disponível em: <https://www.msn.com/en-us/news/world/the-first-covid-19-case-originated-on-november-17-according-to-chinese-officials-searching-for-patient-zero/ar-BB119fWJ>; Acesso em: 03/05/2020.

² New York Times. **Chinese Doctor, Silenced After Warning of Outbreak, Dies From Coronavirus**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/02/06/world/asia/chinese-doctor-Li-Wenliang-coronavirus.html>; Acesso em: 03/05/2020

³ AL JAZEERA. **Timeline: How the new coronavirus spread**. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/01/timeline-china-coronavirus-spread-200126061554884.html>; Acesso em: 03/05/2020.

emergência global⁴. E em 2 de Fevereiro a primeira morte fora da China, nas Filipinas. A doença seguiu um ritmo crescente, exaurindo a capacidade dos sistemas de saúde de vários países, como Itália, Espanha, Estados Unidos, em que a grande disseminação da doença, associada a uma necessidade de internação de pacientes, sobretudo, com necessidades de uso de UTIs e por um período acima da média de outras enfermidades e somado a uma letalidade grande se comparado a outros vírus, como o H1N1.

O primeiro caso no Brasil foi registrado no dia 26 de Fevereiro de 2020, em São Paulo. De lá até a manhã do dia 03 de Maio, quando esse texto foi escrito, já haviam 97.100 casos confirmados e 6.761 mortes no país e mais de 3,44 milhões de casos e mais de 244 mil mortes no mundo, segundo dados compilados da Johns Hopkins University⁵.

Como era de se esperar, sem articulação das ações do governo federal, em que o Ministério da Saúde encaminhava para um lado e falas e ações do presidente da república andando de maneira contraditória e minando as medidas de contenção e prevenção, os casos foram aumentando de maneira exponencial, fazendo o país se tornar um dos grandes focos do vírus. O Brasil tem um total de casos superior a todo o restante da América Latina somada.

Uma fala que ficou marcante e corriqueira nos meios de comunicação e nas redes sociais no início da pandemia era de que o vírus não escolhia raça, classe social, gênero. Passados os primeiros meses do primeiro caso confirmado no país, esse se tornou um dos grandes enganos. Cada vez mais, fica evidente que esses três elementos são essenciais para se pensar saúde coletiva no Brasil.

Quando São Luís - MA, primeira cidade do Brasil a decretar *Lockdown*, e cidade de onde vos fala este que escreve, uma coisa ficou a mostra. A pobreza e as periferias não tinham a mesma capacidade de aderir as medidas de isolamento social de maneira igual aos bairros de classe média e elitizados⁶. A falta de planejamento de medidas emergenciais, como por exemplo, pagamentos de auxílios para as populações que necessitam sair de casa e agora precisam ficar em casa, é um catalisador.

Não que cenas de aglomeração, na ilha, sejam exclusivas das periferias. A cena de um restaurante em um bairro elitizado foi notícia e colocado como exemplo de como a classe média

⁴ DATA SCIENCE ACADEMY. **Análise de dados e fatos** – A CRONOLOGIA DO CORONAVIRUS COVID-19. Disponível em: <http://datascienceacademy.com.br/blog/analise-de-dados-e-fatos-a-cronologia-do-coronavirus-covid-19/>; acesso em: 03/05/2020.

⁵ JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. **COVID-19** Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>; Acesso em: 03/05/2020.

⁶ BARIFOUSE, Rafael. **Coronavírus: primeira capital do Brasil em lockdown tem ruas lotadas e trânsito intenso**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52497230>; Acesso em: 09/05/2020

tem tratado a pandemia. Pra ela, os leitos de UTI, um dos principais problemas da rapidez da propagação do vírus, continuam disponíveis.

A globalização, assim como nos lembra alguns autores que se tornaram clássicos na geografia, como Milton Santos e David Harvey, avança no espaço de maneira desigual. Isso é premente até quando os efeitos da globalização podem ser vivenciados com a disseminação de um vírus. Não apenas as consequências desiguais da disseminação de uma doença, que a priori, poderia nos parecer óbvio, mas até mesmo a forma que a doença foi tratada por todo o mundo. Pelo seu aparecimento ter se dado, a China, país asiático, e que tem uma das maiores economias mundiais, a doença apareceu apenas como um eco. Apesar de sua importância na economia e geopolítica mundial, a doença que matou milhares, ainda estava matando o que Jean Paul Sartre, no seu prefácio do livro de Frantz Fanon, os Condenados da Terra, chamou a atenção de como a Europa tratava, os indígenas. Somente quando avançou para fronteiras europeias é que o mundo percebeu a “gravidade” da doença. Atualmente, as poucas notícias que se tem da doença no continente Africano, na Oceania e na Ásia, também, mostra como o mundo tem seu olhar fixado na Europa e Estados Unidos.

Essa edição da Kwanissa segue a ideia de democratização de estudos acerca da temática africana e afro-brasileira. Nessa edição contamos com nove artigos e dois relatos de experiência, que vão desde estudos sobre teatro, literatura, educação, religião, geografia, história, dentre outros. A formação dos autores e das autoras é diverso, passa pela geografia, serviço social, estudos africanos e afro-brasileiros.

Deixamos um agradecimento especial ao fotógrafo e jornalista Joaquim Cantanhêde que nos presenteou com uma de suas fotos para a capa desta edição, de um belíssimo trabalho na Tenda de Santa Bárbara, no município de Lima Campos-MA.

Também queremos contribuir com os estudos da “quarentena” nesse momento difícil. Esperamos que fiquem bem. Leiam, divulguem, comentem, contribuam com suas impressões e seus textos. Fiquem em casa, se puderem, se cuidem, cuidem dos seus, de quem se ama, se cuidem para verem os amados e amadas que estão à distância. Tenham fé, tenham esperança, sejam fortes. Kwanissa!

Sávio José Dias Rodrigues

Editor da Kwanissa – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros
Professor LIESAFRO/UFMA